

A escuta da escrita¹

Lenilda Estanislau Soares de Almeida ²

Resumo

Quando atendemos em análise uma criança alfabetizada, ela geralmente desenha, joga e brinca das mais variadas maneiras, mas raramente escreve sobre suas angústias, incertezas e medos que a impedem de ser uma criança feliz. O objetivo deste trabalho é relatar algumas sessões escritas por um menino de nove anos e articulá-las à teoria da sexualidade infantil.

“Tudo se passa exatamente na hora em que está escrito ou lido.”

Clarice Lispector

Freud (1974), a partir da análise dos histéricos, descobre que a infância da qual eles falam não é sempre a infância real, e que os traumas a que eles se referem podem revelar-se fictícios. Então, descobre que uma palavra, mesmo mentirosa, constitui, enquanto tal, a verdade do sujeito. O discurso que se processa na análise, tanto na criança como no adulto, nos remete, pois, não apenas a uma realidade, mas também a um mundo de desejos e de sonhos. Veremos, no relato das sessões, a importância da palavra escrita quando da impossibilidade de falar sobre suas fantasias sexuais.

Descrição do caso

A criança em análise é um menino de nove anos que há dois meses apresenta alguns sintomas como: pesadelos, suor nas mãos, não participa do recreio na escola com medo das brincadeiras dos outros meninos,

não sabe se defender, tem pensamentos repetitivos e medo de ser gay. É uma criança comportada, gosta de ajudar as pessoas e é um bom aluno. É mais apegado à mãe e passa o dia se justificando para ela sobre o porquê de seus pensamentos. Ficou impressionado com o que um pedreiro lhe disse certa feita: “Tem um anjo que anota o que a gente faz”.

É o caçula depois de sete anos da irmã de dezesseis anos. Nas entrevistas iniciais presta atenção ao que eu falo, olhando nos meus olhos, faz os desenhos que peço e responde com tranquilidade. Na 4ª sessão, traz-me anotações suas, “meus pensamentos”, segundo ele, e diz que gostaria que eu as lesse. Ele enumera os pensamentos e descreve tudo o que imagina, e que nunca contou para ninguém. E dois deles são sonhos. Leio e depois pergunto se gostaria de falar sobre o que escreveu. Diz que não. Respeito e digo que ele pode falar sobre tudo o que escreveu, que aqui poderia falar também sobre

¹ Trabalho apresentado na VII Jornada de psicanálise do GPAL em 28 e 29 de novembro de 2008.

² Psicóloga Clínica (FAFIRE-PE), Psicanalista do GPAL.

seus pensamentos e que eu não iria falar para ninguém. Segue o que o menor escreveu:

“Meus Pensamentos”³

1º Quando alguém faz uma coisa pra mim eu noto que eu fico pedindo brigado, brigado, e brigado, eu acho que é assim como eu estou dizendo.

2º Antes eu tinha muitas indecisões, de dizer assim, eu não sei, não tenho certeza.

3º Eu tive um sonho, que parecia que tinha um cara de cueca preta, e parece também que tinha uma mulher nua, sabe o que é o reprodutor feminino, não é? que é o útero, o ovário, a vagina. Aí eles estavam fazendo sexo, e parecia que eles faziam isso em uma tela dentro do cabelereiro que eu corto o cabelo. Aí tinha outro homem, que parecia que estava com roupa, e enquanto ele via o homem e a mulher fazendo sexo que lembro mais ou menos, ou foi só uma vez que ele bateu na perna dele mesmo como se ele estivesse querendo fazer isso com a mulher que estava na tela, como se ele estivesse com a pitoca dele dura.

4º Eu tenho uma amiga minha que é da minha sala de aula, por que eu estudo na 3ª série. Eu tive um sonho, que eu lembro, que eu estava apoiado em um muro baixo, e eu lembro que nesse sonho, era como se ela tivesse cheirando, lambendo ou mordendo a minha pitoca, e eu não lembro direito, que quando isso aconteceu eu estava com roupa ou não.

5º Eu imaginei dois meninos parece, não sei se já era

homem ou adolescente ou bebê, só sei que eu imagino dois testículos, se encostando um no outro, não me lembro se quando eu imaginava isso, as pitocas deles também se juntavam, mas acho que sim.

6º Eu fico enchendo o saco mais da minha mãe, não do meu pai, eu acho. Eu fico falando com a minha vó, divez em quando eu choro, porque eu já enjuei disso, aí eu choro preocupado com isso, eu me preocupo com muita bestera.

7º Eu conheço uma amiga minha que tem 27 ou é 28 anos de idade. Eu não sei se eu acho ela bonita, o rosto ou o corpo dela, por ex: o peito, o Pi-piu, eu acho que ela tem uma bunda grande. Eu acho que eu imaginei que ela tinha testículos e pitoca, quando a gente estava na praia, tinha um bucado de amigo da gente, inclusive a minha família. Eu imaginava eu acho eu transando com ela, aí teve um dia que eu fiz com se eu tivesse transando com ela, fazendo de conta que eu estava se esfregando nela, aí a minha pitoca ficava dura, eu acho que mais do que ela ficava antes, quando eu imaginava o travesseiro uma menina bem bonita, por ex: a menina que dançava no TCHAM, aquela de cabelo preto.

Em 1905, no capítulo A Sexualidade Infantil, Freud diz que

[...] uma característica da ideia popular sobre a pulsão sexual é que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida descrito como puberdade. Isto, contudo,

³ Na transição dos textos do analisando será mantida a forma original em relação a ortografia, pontuação, sintaxe, etc., no sentido de manter-lhe a autenticidade.

não é puramente um erro simples, mas um erro que tem tido graves consequências, pois é principalmente a esta ideia que devemos nossa atual ignorância das condições fundamentais da vida sexual. Um estudo completo das manifestações sexuais da infância provavelmente revelaria os caracteres essenciais da pulsão sexual e nos mostraria o curso de seu desenvolvimento e a maneira pela qual ela se consolida a partir de várias fontes (FREUD, 1974, p. 177).

Sabemos da importância da sexualidade infantil como determinante da saúde psíquica do indivíduo, e veremos no caso clínico descrito a manifestação dessa sexualidade através de suas fantasias sexuais e de seus sintomas.

Toda criança tem fantasias sexuais, desejos incestuosos, sádicos, parricidas, e quando adulto, a maioria das pessoas oculta os inícios mais precoces de sua infância até seus oito anos — é a amnésia infantil. Durante esses anos a nossa capacidade de receber e reproduzir impressões é maior. Ouvimos de nossos pais, tios, avós e pessoas próximas, histórias de nossa infância as quais posteriormente nada retemos em nossa memória, às vezes temos algumas lembranças ininteligíveis e fragmentárias. Durante o período da infância somos capazes de expressar todos os sentimentos de maneira humana, damos prova de amor, raiva, ciúme e outros sentimentos apaixonados que nos emocionam profundamente, e chegamos a fazer observações e dar opiniões que são consideradas pelos adultos como amadurecidas, e de que possuímos os primórdios de uma capacidade de julgamento e, ao crescermos, não temos conhecimento

próprio, mas tudo o que é vivenciado e fantasiado é marcado no nosso psiquismo.

Jonas (nome fictício) é uma criança que apresenta uma excessiva preocupação com os familiares, principalmente com seus pais. Tem medo de que aconteça algo de ruim com eles, medo de que morram e receio de magoar as pessoas. Diz seu pai: “Ele é um menino especial, só quer fazer o bem para todos e foi eleito o melhor amigo no colégio; não entendo por que ele está tão medroso e com esses pensamentos”.

Vimos na história de Jonas que, aos quatro anos de idade, ele não queria ir à escola, dizia que a professora era do mal e que bateu no seu bumbum. Sempre se sentiu ameaçado pelo colega mais forte, queria ajudar os amigos, mas levava a pior, não sabia se defender. Hoje os colegas brincam de passar a mão em sua bunda e ele fica impressionado e se pergunta se é gay. Fica pensando na bunda do pai quando o vê nu e também na bunda da mãe. Diz na 2ª sessão: “Minha irmã disse que quando ela era menor tinha pensamentos bobos”.

Os pais de Jonas me procuraram preocupados com o comportamento do filho, que é muito apegado à mãe. Ela relatou-me que sua primeira gestação fora de alto risco, marcada por muito sofrimento que quase a levou à morte. Depois que a filha nasceu ficou com medo de engravidar de novo, apesar do desejo de ter mais um filho, imaginava o quão desesperador seria passar por tudo novamente. Toda a gestação do menor foi muito angustiante, mas o menino nasceu bem, sem problemas. Porém, movida pelo medo de perdê-lo, já que

não poderia engravidar novamente, sua mãe sempre o protegeu demais.

Muito preocupados com os sintomas do filho, levaram-no ao pediatra, e este os orientou a procurar um analista. Na entrevista com os pais, a mãe diz que o filho perguntou quando ele iria à “doutora” porque queria ficar logo bom daqueles “pensamentos”.

Segundo Freud, é durante o período de latência que se constroem as forças psíquicas que irão mais tarde impedir o curso da pulsão sexual, barreiras mentais como a repugnância, os sentimentos de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais. Neste período de latência, a atividade das pulsões não cessa e é desviada no todo ou em grande parte para outras finalidades. Sabemos que historiadores da civilização estão em acordo em admitir que poderosos componentes são adquiridos para toda a espécie de realização cultural por um desvio das forças pulsionais dos objetivos sexuais para novos objetivos. Seria a sublimação, em que observamos, nas crianças, a partir do período de latência, o interesse nos jogos de competição, nas peças teatrais, gincanas, etc.

Quando não há sublimação a pulsão parece pervertida, despertando sentimentos desagradáveis, como vimos no caso de Jonas. Essa fase da sexualidade é capaz de assumir diversas formas e só podem ser determinadas por uma análise. Sobre isto, Freud afirma:

Mas todos os seus detalhes deixam as impressões mais profundas (inconscientes) na memória do paciente, determinam o desenvolvimento de seu caráter no caso de que ele se mantenha sadio, e a sintomatologia de sua

neurose, no caso de que ele adoça após a puberdade. A investigação psicanalítica nos possibilita tornar consciente o que foi esquecido e, assim, eliminar uma compulsão que surge do material psíquico inconsciente (FREUD, 1974, p. 194).

Voltando ao caso clínico, após um mês, o menor, quando quer falar sobre suas fantasias sexuais, escreve na sessão. Depois que escreve é que aceita falar sobre o assunto. Vemos na sua escrita o conteúdo sexual, seus desejos e fantasias masturbatórias e a ideia dos dois sexos com pênis.

Relato de sua escrita na sessão:

Eu lembro que eu imaginei um amigo meu, que o corpo dele era um penes, ou pitoca do geito que eu falo e a bunda deles os testículos. E de uma amiga minha também.

Eu disse na quele papel que eu dei pra senhora que eu imaginava uma amiga minha e eu, nós transando só não lembro se era nu, ou era so se ensfregando um no outro.

Eu pegava as minhas mãos juntava elas pra fazer de contas que era no meio da bunda dela.

Nessa parte eu ficava com a minha pitoca mais dura ainda, eu acho que era assim, que eu pegava uma toalha pra dizer que erá ela, eu abraçava a toalha com força, e acho que cada vez mais, colocava a minha pitoca mas pra frente na toalha, acho que erá pra dizer que erá o Pi-piu dela, e os pelinhos, eu até disse o nome dela e a idade.

Após dois meses de análise, Jonas pede aos pais para frequentar uma escolinha de futebol e começa a se relacionar com crianças da sua idade, pois vivia muito em casa com os pais ou na casa dos avós. Começou a se interessar em brincar na rua com outras crianças e a convidar os colegas para brincar em sua casa, tornando-se mais sociável e alegre, pois no início das entrevistas era perceptível a tristeza em seu olhar.

A partir do momento sublimatório, ele redireciona os destinos pulsionais, criando novas alternativas substitutivas para as realizações das pulsões, sem que haja o recalque nem a consequente insatisfação pulsional.

A partir de Lacan e de outros teóricos, algumas referências freudianas sobre a sublimação foram sistematizadas, outras acrescidas, tornando-se mais consequentes e passando a sustentar de outra forma o entendimento do processo sublimatório. Desta perspectiva, a sublimação foi consolidada como um conceito extremamente importante, inclusive para pensar a clínica e a cultura, na medida em que deixa de ser circunscrita ao modelo causa e efeito de um mecanismo de defesa e passa a implicar e ser implicada no funcionamento psíquico como um todo. Assim, também para a compreensão e intervenção nos fenômenos culturais a sublimação é um importante instrumento teórico. Como refere Lacan, em toda forma de sublimação o sujeito terá que ter passado pelo vazio da castração, vazio que será determinante nas novas escolhas pulsionais. Portanto, se o sujeito foi marcado pela castração, então as novas soluções encontradas já

não serão apenas sombras do Outro, meras repetições alienadas, mas serão movidas e construídas pelo reconhecimento do próprio desejo, pela singularidade. (LUNA; RODRIGUES, 2009 p. 40).

Mas para que haja o trabalho analítico é necessário que a demanda seja da criança, o que, na maioria dos casos, é dos pais. Muitas vezes pode-se pensar que é uma ilusão fazer *psicanálise* com a criança, pois ela se sente constrangida pelas expectativas e angústias de seus pais em seu lugar. Mas a maioria das crianças, a partir do momento em que estão de acordo em vir ao analista, deixam-se levar na associação livre. E a forma que Jonas encontra para deixar aparecer o desejo é através da escrita. A associação livre supõe a existência de uma linguagem relativa ao saber não sabido. Além da frequente demanda normativa de seus pais, as crianças vêm colocar suas questões ao analista, ir ao analista lhes dá um domicílio, um lugar que é seu.

Segundo Bergès-Bounes (2008), a dependência da criança aos pais pode levar a sintomas em uma relação direta, inversa ou reacional com a situação familiar: os sintomas podem mesmo aparecer como signos de 'boa saúde' em relação à patologia ou aos atropelos de alguns pais. O sintoma da criança não será então o eco das turbulências familiares? Nosso primeiro trabalho de analista consiste então em colocar em questão às interpretações já feitas, escutá-las, interrogá-las, visto que os sintomas da criança tomam sentido para os pais em função de suas próprias histórias.

Assim, Jonas faz a demanda em seu nome, quando sua mãe me relata a pergunta que ele lhe faz:

'Mãe, quando eu vou para a Doutora? Quero ficar logo bom dos meus pensamentos'. A sua inquietude o levou à consulta em um primeiro tempo. A especificidade da posição psicanalítica é escutar a palavra da criança, supondo-a, de início, num lugar de sujeito. E, nesse caso, é escutar a palavra escrita, pois, falar de seus desejos sexuais era difícil para Jonas, e foi na palavra escrita que emergiu o sujeito do inconsciente.

A experiência analítica com crianças nos mostra que qualquer que seja o sintoma, a sua persistência está em torno da colocação da subjetividade e o trabalho do inconsciente. Trabalho que passa pela "associação livre" da criança e que torna possível ela fazer uma demanda em seu nome.

Referências

BERGES-BOUNES, Marika. **A questão do sintoma na criança**. Trabalho apresentado no Congresso de Psicanálise de Criança e do Adolescente do Centro de Estudos Freudianos, Recife, 2008.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. (1905). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.7. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

LUNA, Dulce. Quem tem medo de alma? In: DULCE Luna; Eliene RODRIGUES (Orgs.) **Textos Psicanalíticos Real Gozo** (PP. 40-41). Recife: Editora Universitária - UFPE, 2009, p. 31-53.